

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT07.005](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT07.005)

“ELES ACHARAM [...] QUE EU ESTAVA QUERENDO INFLUENCIAR OS ALUNOS E AS ALUNAS [...]”: OS DESAFIOS E AS REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA LÉSBICA

Adriana Santos de Lima

Cursando o MBA em Gestão Escolar pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz – ESALQ, da Universidade de São Paulo – USP, adriana vih1904@gmail.com;

Geam Felipe Lima Santos

Mestrando em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, geambiologia.21@gmail.com ;

Joanderson de Oliveira Gomes

Mestrando em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, joandersonoliveira@hotmail.com.

RESUMO

O presente trabalho busca através da narrativa docente depreender os processos de fissuras que ocorrem no transitar de docentes que rompem com a normativa da heterossexualidade, socialmente instituída como regra a ser seguida por todos e todas. Para tanto, tomamos enquanto dados a narrativa de uma professora, que se autodeclara lésbica e que atua no interior paraibano, na cidade de Mamanguape – PB. Enquanto campo metodológico perfazemos os caminhos propostos pela História Oral, metodologia de pesquisa reconhecida por valorizar as vozes daqueles/as marginalizados da história tradicional, das grandes narrativas. A pesquisa apontou para a necessidade de reafirmarmos a urgência em trabalharmos as questões de gêneros e sexualidades no espaço educativo e de fazer dele um espaço potente para a valorização e respeito as diferenças. A narrativa da Professora Raquel, evidencia as singularidades em ser professora e lésbica, em

detrimento de ser professora e heterossexual, via de regra, a escola, ainda se constitui como um espaço de valorização e afirmação da heterossexualidade enquanto normalidade, mesmo que tenhamos avançado nessas discussões, grupos conservadores ainda tentam impor uma sexualidade naturalizada a partir da dimensão biologicista.

Palavras-chave: Docência, Lésbicas, Homossexualidades, Narrativas docentes.

INTRODUÇÃO

Pesquisar sobre as histórias de vida docente contribui para a escrita da história da educação e oportuniza que compreendamos uma determinada época ou local e em como as relações que ali se estabelecem foram se constituindo dentro do percurso histórico. Atrelar a discussão das histórias de vida ao campo dos gêneros e das sexualidades é um caminho potente para que possamos traçar os contornos de como as relações de gênero têm se afirmado no espaço educativo.

No presente artigo, pretendemos, ainda que de forma breve, refletirmos sobre a presença do homossexual dentro dos muros escolares, partindo do pressuposto de que a escola se constitui como um dos lugares mais difíceis para que alguém afirme sua homossexualidade (LOURO, 2019; JUNQUEIRA, 2010), desse modo pretendemos através da narrativa docente depreender os processos de fissuras que ocorrem no transitar de docentes que rompem com a normativa da heterossexualidade, socialmente instituída enquanto normalidade, tomando por base a dimensão biologicista dos sujeitos, onde nossa identidade sexual deve se alinhar a dimensão reprodutora de nosso corpo.

A partir do objetivo geral anteriormente citado, temos os seguintes objetivos específicos: a) analisar como o espaço educativo tem lidado com as questões da homossexualidade, e b) inferir sobre os processos de escapes possíveis performados pelos sujeitos dissidentes na perspectiva da afirmação das diferenças.

Nesse sentido, tomamos como objeto de estudo a narrativa docente da Professora Raquel¹, que trabalha no município de Mamanguape – PB, e que se identifica enquanto uma mulher lésbica. A relevância da pesquisa se dá na perspectiva da recuperação da memória docente de uma professora lésbica do interior paraibano. Construir trabalhos que evidenciam as vozes de sujeitos que em muitos momentos são silenciados pelas normativas sociais, se constitui como uma ferramenta potente no enfrentamento ao preconceito e a discriminação que ainda perpassa o nosso espaço social

1 Nome fictício para preservar a identidade da professora participante dessa pesquisa.

e é um caminho profícuo para refletirmos sobre como os espaços educativos têm lidado com as questões de gêneros e sexualidades, aqui grafados no plural, pois entendemos que a riqueza é a pluralidade encontradas no espaço social não podem ser entendidas de forma singular ou hegemônica.

Nosso interesse pela presente pesquisa se fundamenta na perspectiva de que ser uma professora lésbica, imprime uma marca nos sujeitos, ela não é apenas uma professora, mas a professora lésbica. Atuar no espaço educativo é desafiar a heterossexualidade instituída pelos mais diversos espaços sociais enquanto normalidade, criação do divino e único caminho a ser trilhado pela humanidade, aqueles/as que desviam e rompem com essa norma tendem a ser excluídos, tidos como imorais, devassos e uma ameaça a família heterossexual, além de danosos a moral e aos bons costumes, (TREVISAN, 2018; BORRILLO, 2016; FRANÇA, 2014). Romper com os discursos dessa natureza, homofóbica, é um dos desafios que pesquisas dessa conjuntura enfrentam.

METODOLOGIA

Nossa opção metodológica percorre os caminhos propostos pela História Oral, reconhecida pela valorização e investimento nas vozes de sujeitos que historicamente ficaram as margens das grandes narrativas, porque julgava-se que essas vozes nada tinham a dizer, (ALBERTI, 2010; MEIHY; HOLANDA, 2020).

A história oral se configura como um campo teórico metodológico por se tratar de um espaço de estudos com finalidades e objetivos próprios, assim como procedimentos muito particulares que nos dão acesso a uma outra história, que são possíveis de ser registradas através da oralidade, (GOMES, 2017). Desse modo, não tomamos o ato narrado como uma verdade universal, mas como uma fonte que precisa ser situada dentro do contexto social e cultural no qual se insere.

O trabalho com história oral é um trabalho com narrativas, para Delgado (2003) a narrativa tem em si uma força que potencializa as memórias que o sujeito narrado guarda consigo e que de muitas formas o atravessaram dentro do percurso histórico. As narrativas coletadas no decorrer da pesquisa podem nos esclarecer as formas

como as pessoas ou grupos sociais se constituíram socialmente e a partir do contexto no qual se inserem como potencializaram espaços para existirem (e resistirem), reside aí, conforme Alberti (2010), uma das maiores riquezas da história oral, nesse investimento potente nas narrativas, que trazem contornos outros, de experiências que precisam ser valorizadas e respeitadas.

Por meio das narrativas das docentes temos a possibilidade de estabelecermos uma relação entre a história macro e micro, nas palavras de Alberti (2010, p. 157) “[...] a História Oral tornou-se a contra-História, a História do local e do comunitário”. Na mesma direção Thompson (2002, p. 12) entende a História Oral como a “[...] que lida antes com aquilo que é lembrado do que com o que é reprimido”.

Para geração dos dados, foi realizado uma entrevista com a Professora Raquel, que foi gravada e transcrita na íntegra. Entendemos que as memórias narradas pela docente entrevistada a marcaram de diversas formas e podem nos ajudar a compreender a vivência docente de uma professora lésbica no interior paraibano.

DOCÊNCIA E HOMOSSEXUALIDADE: TECENDO OS DADOS E REFLETINDO SOBRE A NARRATIVA DA PROFESSORA RAQUEL

A vivência docente é atravessada por fatores de diversas ordens, nos contituímos no exercício da prática, essa construção no entanto, conforme afirma Nóvoa (2007), e nós concordamos com ele, não está apartada de quem somos na vida pessoal, de modo que o campo profissional e pessoal se articulam e se atravessam a todo o tempo.

Ser professora e lésbica, via de regra, pode se configurar com um desafio, no transitar dentro do espaço educativo, levantado uma série de questionamentos e incertezas a docente. Nas pesquisas realizadas por Franco (2009), França (2014) e Sales (2019), por exemplo, evidencia-se como a escola ainda se configura como um espaço que privilegia a heterossexualidade, a concebendo enquanto norma, reforçando um discurso que mantém a homossexualidade enquanto desvio.

Foucault (2015) ao se debruçar sobre a história da sexualidade nos mostra como ela foi se constituindo historicamente, e evidencia como as relações entre indivíduos do mesmo sexo, nem sempre foram vistas como um problema, sobretudo na forma como alguns grupos, mais conservadores, a concebem na contemporaneidade. No entanto, com o tempo e através dos atrevessamentos de que fomos alvos, sobretudo no âmbito religioso, a heterossexualidade passou a ser instituída enquanto norma, em detrimento da homossexualidade, que precisava ser mantida, controlada e regulada, apresentada em muitos momentos como contagiosa. É bem verdade que já superamos essa dimensão, ainda que, grupos isolados persistam em ver os homossexuais desse modo.

Trevisan (2018) ao estudar a história da homossexualidade vai traçando contornos que nos mostram como a homossexualidade sempre foi convidada, por aqueles/as que a concebem enquanto um erro, um problema, a permanecer nos muros do anonimato, e para aqueles/as que tenham desejos que rompam com o esperado socialmente a esfera da vida privada é mais adequada para as suas existências, a esse respeito Foucault (2015, p. 8) registra que o que se difundia a nível de discurso era que “se for mesmo preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, que vão incomodar noutro lugar”.

Nesse sentido, aproximando a discussão para o nosso objeto de estudo, Maciel (2015) alerta sobre como os estudos sobre as homossexualidades são emergentes e necessários, e evidencia uma certa escassez de trabalhos que versem sobre os sujeitos dissidentes, sobretudo sobre a homossexualidade feminina.

Ao trazermos para o cerne desta discussão a docente lésbica, tocamos na dimensão da feminilização do magistério e em como historicamente a mulher foi tida (e em certa medida ainda é), como vocacionada ao exercício de ser professora, sendo o exercício docente visto como uma extensão do que ela já fazia em casa, cuidar da casa, dos filhos e do marido.

No entanto, essa visão de mulher a direcionava ao casamento heterossexual, conforme Ferreira e Ferreira (2004) elas eram preparadas para o marido, enfeitadas e adornadas com a dimensão da fragilidade e pela dependência da figura masculina, nessa mesma direção Perrot (2008, p. 49) elucida que o mandamento fundamental as mulheres era a beleza, “seja bela e cale-se”. Dentro de todo

esse cenário ser professora e lésbica demanda questões outras que diferem da vivência docente de uma professora heterossexual, a primeira, por sua vez, precisa pensar se falar sobre a vida pessoal pode ser um problema, ao passo que a segunda, não enfrenta esses dilemas em seu cotidiano, tendo em vista que sua vivência é tida como normal.

Nossa entrevistada é a Professora Raquel, 43 anos e a 24 se dedica a educação. Ela se identifica enquanto lésbica, em nossa conversa com a professora buscamos deixá-la muito à vontade para nos narrar a sua história de vida docente, fizemos uso de um roteiro norteador com objetivo apenas de guiar a discussão, mas deixando-a sempre livre para nos contar sua experiência enquanto professora e lésbica.

Nossa primeira indagação foi sobre como se deu a descoberta da sua sexualidade, e em sua fala registra-se as marcas de uma experiência de vida construída em um seio familiar tradicional, onde a vivência lésbica, geralmente, tende a ser rejeitada.

A gente vem de uma família muito tradicional, assim nos costumes, nas regras, machistas, sexistas demais, não é?! Uma família de pouco instrução, principalmente onde a ignorância prevalecia, uma família muito grande, meu pai já era o terceiro casamento, nós somos em 38 irmãos no total, da minha mãe somos em 13 e assim eu vim descobrir, começar a perceber de verdade na minha adolescência, hoje eu entendo que eu era desde criança, mas aí eu vim perceber mais na minha adolescência por conta, é, é complicado assim de você avaliar porque quando eu comecei a mim aperceber da minha sexualidade de verdade eu estava em uma igreja, era evangélica, então você imagina o mundo, a cabeça de um adolescente de 15 anos, de um pai extremamente ignorante, e de que casos como esse eram aberrações na família, foi muito complicado para mim, muito dolorido, porque eu não tinha com quem dialogar, eu não podia falar isso em casa, não podia falar isso com minha mãe, não podia conversar isso com os amigos, porque era um dilema muito grande, como é que uma pessoa, uma evangélica, agora estava sentindo desejo por alguém do mesmo sexo? (Professora Raquel, Julho/2021)

A fala da Professora Raquel, retrata a realidade de muitos homossexuais, quando ela narra que a família enxergava as lésbicas como aberrações, sentimos como é forte essa ideia que se espalha no espaço social, o Trevisan (2018), percebe isso em sua investigação e fala como os homossexuais são tidos como imorais, perigosos, de forma que romper com o muro do anonimato nem sempre é um caminho fácil a ser trilhado. Existem questões de diversas ordens que nos atravessam, conforme explicitado na fala de nossa entrevistada, questões familiares, religiosas, dito de outro modo, uma série de discursos que instituem relações de poder (FOUCAULT, 2015) que atravessam os sujeitos e os afetam de diversas maneiras, produzindo subjetividades, onde os sujeitos afetam e são afetados nesse processo.

Em continuidade a sua fala, a Professora Raquel nos conta como ser membro de uma igreja evangélica a ajudou a não sofrer processos discriminatórios, uma vez que ela fazia parte de um grupo onde as sexualidades dissidentes, via de regra, são marginalizadas e tidas como práticas pecaminosas, logo acredita-se que seus membros são todos heterossexuais.

Não, não percebiam, porque assim na verdade nunca tive trejeitos, nunca tive, o vestir diferenciado, porque até pela família que tinha, pela religião que eu praticava, então assim, as roupas sempre foram muito femininas, o que não mudou muito para hoje, hoje tem o meu assumir de verdade, mas para a época não havia isso, estranhavam o fato de eu não andar de namorado, namorado homem, eu sempre vivia rodeada de amigas, de meninas, e eu as tratava mesmo como amigas, eu as tinha como amigas, mas aí a idade, todo mundo questionava, está na hora de namorar, para casar, começar a pensar em ter filhos, isso para mim era um queimar de cabeça, porque eu não tinha esse pensamento. (Professora Raquel, Julho/2021)

É interessante observamos como o nosso corpo passa por processos de vigilância, e como ele é cobrado a assumir posturas que socialmente se instituíram como corretas e determinadas a uma idade específica. A partir do nosso gênero (ou ao menos, do gênero que nos atribuem no nascimento) uma série de expectativas,

proibições, controles e forma do que é possível ou não passam a ser investidas no sujeito em construção, uma relação de poder minuciosa e que através das nuances do dia a dia vai imbuindo nos indivíduos o que ele deve ser, quais papéis deve/pode desempenhar (FOUCAULT, 2015).

Em nosso diálogo, perguntamos a Professora Raquel como foi seu processo de formação no ensino superior e se as questões da sua sexualidade vieram a tona.

Na verdade foi muito tranquilo, não tinha dificuldade em sala de aula, até porque eu não tive relações dentro da universidade, eu tinha amigos, de turma, de sala e tudo mais, as falas de lá também eram muito tranquilas, chegavam assim, para me reconfortar e me fortalecer e eu fui me identificando, me conhecendo, tendo aquela sensação de pertencimento, de verdade, nunca partilhei isso dentro da universidade, até porque, ninguém percebia, e para mim de certa forma, hoje eu percebo que foi errado, mas para mim era cômodo, não me auto declarar, porque isso me privava, me protegia de certos ataques, mas aí foi um período muito tranquilo, de fortalecimento também. (Professora Raquel, Julho/2021).

A alternativa por se privar de algumas atitudes simples do dia a dia, muitas vezes se funda na perspectiva da proteção, de não passar por processos de preconceito e discriminação, está “no armário”, expressão usada para homossexuais que não se afirmam como tais publicamente, muitas vezes se configura como um subterfugio para aqueles/as que não se alinham ao padrão da heterossexualidade. Esses detalhes sinalizam para nós as diferenças que se constitui em torno de uma professora lésbica, decisões dessa natureza implicam sobre sua atuação escolar, buscando sempre ser cuidadosa para não ser “descoberta”, como se estivesse fazendo algo errado.

Em continuidade, adentramos o espaço profissional da Professora Raquel e a perguntamos como tem sido o seu transitar na escola e as possíveis dificuldades que teve nele.

[...] no meu primeiro concurso que fiz, que prestei, para professora eu tinha 18 anos, então foi o primeiro e já passei, eu tive uma dificuldade não para conseguir, mas durante o meu lecionar, no término de um dos

meus namoros, o primeiro por sinal, a pessoa muito arredia, inconformada, ela fez um escândalo de frente a escola, era uma escola pública, e voltada para o ensino fundamental I, muitas crianças, eu tinha meus 21, 22 anos, também muito nova, mas aí, já com a cabeça da universidade, já estruturada também, mas aí, fui chamada pela direção da escola, pelo escândalo que houve e tudo, conversei, expliquei a situação, que bom que do outro lado houve essa compreensão, por parte da direção, da coordenadora também, elas compreenderam, porque também já me conhecia a mais de 4 anos dentro da escola lecionando, nunca tinha visto nenhum desvio de conduta, nada que pudesse atacar a minha imagem em si, o meu trabalho em nada, sempre tratei muito bem e com muito respeito todo mundo, então assim, aquilo ali surpreendeu, havia os burburinhos na cidade, mas não havia o assumir de verdade, e naquele momento foi a ocasião que eu encontrei para assumir, para dizer quem eu era, e que isso de forma nenhuma nem se repetiria ali, no que dependesse de mim, mas não atrapalharia de forma nenhuma o meu trabalho e de certa forma a pessoa pensou que estivesse me fazendo um mal para mim, mas acabou que fez um bem imenso, me deu coragem de verdade, para assumir, para que eu pudesse caminhar como sou de verdade, para minha própria identificação sexual, de gênero, e de lá para cá não tive mais esse medo. (Professora Raquel, julho/2021).

A necessidade de verbalizar, ou de explicar ao outro sua orientação sexual é uma particularidade por vezes imposta aos homossexuais, uma vez que se toma como prerrogativa que todos são naturalmente heterossexuais, e desse modo, cobra-se uma posição daqueles/as que desviem dessa norma. A esse respeito Junqueira (2013) sinaliza como a escola é um espaço de produção e reprodução dos parâmetros da heteronormatividade, onde os papéis sociais estão sempre sendo reafirmados e confirmados enquanto norma, na perspectiva da dimensão biológica. Pensemos, por exemplo, no Dia da Família, que ocorre em algumas escolas, muitas vezes o modelo de família apresentado se configura apenas dentro do padrão heteronormativo, são nesses pequenos (porém) grandiosos detalhes que a escola pode se fechar em um discurso

que mais exclui do que inclui, e que nas minúcias de suas ações normaliza algumas condutas em detrimento de outras.

Ainda sobre sua atuação profissional a Professora Raquel relata sobre os processos de preconceito e discriminação que enfrentou.

[...] no fundamental II, quando a gente começou a atuar e principalmente com o nosso assumir, o fato da gente usar aliança, o fato da gente postar foto ao lado da namorada, da companheira, era criticado, e eu recordo muito bem da situação em que, 2018 eu estava enquanto gestora na escola Iracema Soares e um grupo de alunos nos procurava do oitavo ano da manhã, para fazer queixa de dois professores que estavam inibindo a postura dele e as falas, principalmente no que se referia as questões de gênero, eram turmas que a gente já tinha orientado nas discussões no que falavam muito do setembro amarelo porque a gente tinha conseguido acompanhamento para alguns adolescentes que estavam com muita dificuldade em casa, com relação a própria identificação, alguns estavam fazendo auto mutilação e a gente tinha puxado algumas palestras e havia direcionado também para que as pessoas tivessem essa abertura de conversa, de diálogo, de identificação e que a gente pudesse está dando suporte enquanto instituição. E eles nos procuraram para falar a respeito desses dois professores, por coincidência um de história e um de geografia, mas a de história estava atuando como geografia e o de geografia como geografia e o ensino religioso, a gente sempre pediu que não usasse como ensino religioso, mas sim como ética para não ter a questão de direcionamentos, de fé, religião em si. E quando eu soube disso eu chamei os dois professores para conversar e foi um embate muito grande que a gente teve que acabou culminando em uma reunião com todo o corpo da escola e disse que a gente não admitiria esse tipo de postura, os dois professores não entenderam que quem estava falando ali era uma educadora igual a eles, mas eles acharam que o meu posicionamento era porque eu era de esquerda e porque eu era lésbica, e que eu estava querendo influenciar os alunos e as alunas, desviando elas, da virtude, da boa sociedade, da família e jogando elas para doutrinação de gênero e ficou um clima muito

pesado na escola, que infelizmente a gente teve que se impor, de dizer que quer eles enxergassem que fosse por doutrinação nossa, por querer impor a nossa sexualidade, mas que ali enquanto uma escola democrática, uma escola aberta o regime adotado não seria aquele, seria de liberdade mesmo como o nosso alunado. (Professora Raquel, julho/2021).

Um traço interessante na fala da Professora Raquel é quando ela evidencia o fato de ter sido questionada frente a postura tida com relação as reações homofóbicas dos professores, como se ela tivesse essa atitude por ser lésbica, na fala de nossa entrevistada fica nítido como as questões de gêneros e de sexualidades atravessam o cotidiano escolar de diversas formas, e como o nosso eu pessoal está implicado em nossas ações, a exemplo dos dois professores que estavam criticando os alunos por não se comportarem como esperado pela norma heterossexual, a homofobia presente em suas ações refere-se a dimensão da vida pessoal, no entanto, ela se expressa nas práticas dos dois professores, dentro da escola, espaço que deve potencializar a diversidade e celebrar a pluralidade da vida.

Postar fotos, usar aliança, tudo isso é questionado, conforme nos diz a Professora Raquel, sobre sua vida pessoal, são questões que uma professora heterossexual não teria que enfrentar na vivência profissional, o convite a norma heterossexual se apresenta diariamente, quando as ações de afeto e carinho entre pessoas do mesmo sexo tendem a ser questionadas, ao passo que sujeitos heterossexuais não são indagados por usarem aliança ou postar fotos com seu cônjuge. O simples ato de andar de mãos dadas em público pode ser visto como um erro e aos olhos dos que nos vigiam nos colocamos sempre alertas. Evidente, que temos rotas de fugas, já encontramos em ruas, shoppings, locais públicos em geral, casais que não se privam de demonstrarem afetos, no entanto, essa ainda não é a regra, mas, exceção.

Outro ponto que observamos são as fissuras traçadas pela Professora Raquel, mesmo com um cenário de questionamentos e incertezas ela tem buscado atuar, e lutar para um espaço mais inclusivo, onde alunos/as, professores/as possam expressar seus gêneros e sexualidades em toda a sua diversidade e não se podendo

para caber nas caixas que a escola oferta, em muitos momentos. Ancorados em Rios, Barros e Vieira (2017), entendemos a escola como um espaço potente de enfrentamento a situações dessa natureza, um espaço possível de construirmos um outro discurso, é bem verdade que temos avanços consideráveis nesse quesito, a nível de legislação, por exemplo, no entanto, ainda precisamos lutar para não retrocedermos.

Indagamos a professora sobre como ela percebe as discussões sobre gêneros e sexualidades na cidade de Mamanguape – PB.

Muito leve, eu costumo dizer que discussões de gênero em sala de aula, em escola, é muito como o 13 de maio, e muito menor ainda do que o 20 de novembro, é aquela data ali específica que você falou, que você discutiu, e de repente um colega de trabalho, mais atrevido, mais ousado, para tentar puxar uma discussão maior, mas no que se refere a esfera no geral, não avançamos muito nisso. Fica muito restrito, a direção da escola, a coordenação da escola para agir, se você esbarra em uma inquieta como eu, ou um inquieto, como temos alguns outros por ai, a gente consegue avançar com dificuldade, mais avança, quando se esbarra naqueles que são tradicionais, naqueles que são extremamente negacionistas, não avança. Nosso discurso não se espalha, tirando daquele momento estanque, a situação pipocou ali, passa-se os panos, mas ai eu não vejo isso diferente da privada, a gente fala no público porque é onde a gente tem a vida inteira, e onde a maioria dos nossos estão, mas ai infelizmente a própria educação, até pela discussão imbecil, idiota, uma tal história de “mamadeira de piroca”, até hoje tem gente que teima em dizer, sou professora a 24 anos, nunca vi uma, queria até ver, mas até hoje não vi.

Então isso, pesou demais. Eu li recentemente, acho que semana passada, uma grande escola lá de Pernambuco, da rede privada inclusive, se posicionando contrária ao mês de junho, o mês da expressão e manifestação do orgulho LGBT e a escola foi e a direção da escola se manifestou contra, emitiu uma nota e tudo mais repudiando esse tipo de conduta, esse tipo de ação, [visto como] um ataque a família,

ataque a moral e aos bons costumes, e que esse tipo era assegurado, que esse tipo de conduta, dentro dos portões, dentro da esfera da escola não existia, eu jamais pisaria nessa escola, nem permitiria, que filho ou alguém meu participasse. Onde você não tem a liberdade de ser quem você é, não é um lugar onde se deve demorar, na verdade não se deve nem estar. (Professora Raquel, julho/2021).

A fala da Professora Raquel toca em questões muito importantes que tem perpassado o espaço social, a construção de discursos que objetivam atacar as discussões sobre os gêneros e as sexualidades e sobre a diversidade encontrada na vivência sexual que extrapola os limites reprodutivos e heteronormativos. A ideia de que o objetivo dos homossexuais é ensinar as crianças a serem também homossexuais, cunhou até a discussão a respeito do famigerado kit-gay, que de fato nunca existiu.

Conforme Münchow (2020), a ideia de um suposto kit-gay² tem perpassado o imaginário dos autodeclarados cidadãos de bem. Que conforme seus idealizadores e acusadores tem como objetivo a conversão de todos e todas em homossexuais, uma espécie de manual para a perpetuação e imposição da homossexualidade. É dentro dessa falácia que surge a “mamadeira de piroca”, citada pela Professora Raquel, onde discursos infundados relegam sujeitos homossexuais a lugares de perigosos a regulação e perpetuação da moral e dos bons costumes.

O discurso do kit-gay foi amplamente utilizado por Jair Bolsonaro, durante sua disputa eleitoral para a presidência. Vale ressaltar, como sua postura conservadora (leia-se: misógina, preconceituosa, racista e homofóbica), antes da eleição e depois dela também, parece ter inflado e encorajado aqueles/as que partilham dos mesmos ideais do presidente, a externalizarem de igual forma os mesmos sentimentos que nutrem dentro de si.

Em sua fala percebemos ainda o convite a ampliação das discussões sobre a diversidade no espaço educativo, e notamos como

2 O kit, de fato, não existia, o que havia era um programa de combate nacional de luta contra a homofobia [...] a expressão kit-gay foi criada por aqueles que tem sido identificados como bancada do boy, da bala e da bíblia para extrair benefícios políticos por meio da paranoia anti-homossexual que governa a sociedade. (MÜNCHOW, 2020, p. 121)

ser lésbica tornou singular seu percurso, enquanto docente, tendo que tomar determinadas decisões que não teriam lhe sido exigidas se ela fosse uma professora heterossexual.

Potencializar o espaço educativo como espaço aberto as diferenças é uma tarefa necessária a todos e todas que fazem a educação, não deixamos de ser gays, lésbicas, bissexuais, travestis ou transexuais e demais diferenças que compõe o grande cenário da diversidade ao adentramos os muros escolares, é na escola que devemos encontrar investimento em nossas potencialidades para nos constituirmos enquanto sujeitos fora da norma, mas não tidos como aberrações e sim como expressões da diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A riqueza do trabalho com narrativas se apresenta de muitas formas, a mais evidente nesse trabalho é ao elucidar as relações que são construídas no cotidiano, e em como vamos nos constituindo no espaço público a partir dos escapes possíveis e das rotas de fugas que traçamos frente as situações que se apresentam como um único caminho ou uma única narrativa que pretender representar a todos/as.

A fala da Professora Raquel mostra como o espaço educativo ainda tem marcas fortes dos discursos heteronormativos que perpassam o âmbito social, trazer a tona outros discursos que façam emergir as diferenças na perspectiva do respeito a diversidade é um convite necessário e que devemos investir em nossas pesquisas. Oportunizando espaços de fala e de valorização das vivências docentes, nós colaboramos com esse processo.

Desnaturalizar discursos infundados sobre as vivências homossexuais pode tornar o espaço educativo como um ambiente onde lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e demais membros da comunidade LGBTQIA+, sintam-se acolhidos e mais que isso, que possam encontrar ferramentas para contruírem rotas de fuga e ascensão na dimensão das vivências práticas de suas vidas.

Ser uma professora e lésbica configura-se como uma afronta e uma resistência necessária frente as normativas de gênero que tomam o discurso heteronormativo como regra, nosso corpo fala

e se expressa de muitas formas, o simples fato de termos professoras lésbicas nas instituições de ensino já se configura como uma expressão potente de que temos atuado no espaço público e de que existimos (e resistimos).

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Fontes orais: histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**. v. 6, 2003. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62>. Acesso em 09 jul. 2022.

FRANÇA, Felipe Gabriel Ribeiro. **“Eu acho que a minha identidade de professora é homossexual”**: narrativas e experiências de professor@s homossexuais. 2014. 220 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014.

FRANCO, Neil. **A diversidade entra na escola**: histórias de professores e professoras que transitam pelas fronteiras das sexualidades e do gênero. 2009. 239 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, 2009.

FERREIRA, Berta Weil; FERREIRA, Lenira Weil. Histórias de mulheres: o processo de identidade. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A aventura (auto)biográfica**: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. 3. ed. São Paulo: Paz e terra, 2015.

GOMES, Joanderson de Oliveira. **Histórias, memórias, trajetória docente**: uma reflexão a partir de relatos femininos. 2017. 55 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, Mamanguape – PB, 2017.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do armário: a normatividade em ação. **Revista Retrato das Escolas**, Brasília, v. 7, n. 13, p. 481-498, jul/dez. 2013. Disponível em: <<http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/320>>. Acesso em 25 jun. 2021.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Currículo heteronormativo e cotidiano escolar homofóbico. **Espaço do Currículo**. v. 2, n. 2, p. 208-230, set./mar 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec/article/view/4281>. Acesso em 08 jan. 2022.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MACIEL, Patrícia Daniela. Os desafios de ser professora e lésbica nas escolas: a arte de viver e produzir gênero na docência. **Periódicus**. n. 4, v. 1, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revista-periodicus/article/view/15433>. Acesso em 09 jul. 2022.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

MÜNCHOW, Cleiton Zóia. Bolsonaro e a paranoia anti-homossexual. **Boletim de Conjuntura**. Boa Vista, v. 3, n. 8, 2020. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/96>. Acesso em 20 jan. 2022.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

RIOS, Pedro Paulo Souza; BARROS, Edonilce Rocha; VIEIRA, Andre Ricardo Lucas. Narrativas de vida e formação de professores gays: (auto)biográficas acerca do estranho que habita em mim. **Educação**. v.

42, n. 1, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/24915>. Acesso em 09 jul. 2022.

SALES, Romualdo da Silva. **A diferença vai à escola**: problematizando as articulações discursivas e epistemológicas sobre os marcadores sociais da diferença no espaço educacional. 2019. 88 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, 2019.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. **História Oral**. v. 5, 2002. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/47>. Acesso em 09 jul. 2022.